

Tramas da identidade: vocação e (re)conversão na Toca de Assis

Rodrigo Portella*

Resumo

O artigo visa a apresentar, a partir de recorte biográfico a respeito de determinado processo de amadurecimento vocacional de um jovem católico, aderente à Toca de Assis e, por meio de entrevistas com outros jovens da Toca de Assis, os traços de contrastes encontrados nos imaginários e discursos de toqueiros que percebem suas vidas no binômio antes/depois à sua conversão religiosa, patenteando a interpretação de suas experiências de vida anteriores à conversão em chaves negativas de interpretação, em contraste com as experiências positivamente interpretadas de seu período pós-conversão. O artigo pretende, por intermédio de um exemplo biográfico e de várias entrevistas e pesquisa bibliográfica, demonstrar as expressões a gerirem as interpretações de conversões entre os membros da Toca de Assis, e busca compreender as dinâmicas que assistem e influenciam a definição de certos imaginários e das novas identidades construídas por meio deles.

Palavras-chave: Toca de Assis; identidades; imaginários; vocação.

Identity entanglement: walk of life or vocation and (re) conversion at Toca de Assis

Abstract: The purpose of the article is to present, through the biographical profile and maturity process of a young catholic, follower of the “Toca de Assis”, the imaginary contrasts and discourses of the “Toca de Assis” followers before and after their conversion. The article claims, by means of a biographical example as well as various interviews and a biographical research, to prove the conversion interpretations among the members of the “Toca de Assis”. It tries to understand the dynamics that help and influence the definition of the imaginary and the new identity frames.

Keywords: Toca de Assis; Identities; Imaginary; Vocation.

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), com estágio na Universidade do Minho, Portugal. Professor Adjunto no Departamento de Ciência da Religião da UFJF. E-mail:portella-rodrigo@ig.com.br .

Tramas de la identidad: vocación y reconversión en la Toca de Assis

Resumen

El artículo presenta, a partir de un recorte biográfico sobre el proceso de madurez vocacional de un joven católico, adherente de la Toca de Assis, y de entrevistas con otros seguidores, los contrastes encontrados en el imaginario y en el discurso de los toqueros, que perciben sus vidas en el binomio antes/después de su conversión religiosa interpretando su conversión como divisor de aguas negativa pre-conversión y positivo pós-conversión. El artículo pretende comprender las dinámicas que influyen la definición de ciertos imaginarios y de nuevas identidades construidas por ellas.

Introdução

Ser um membro da Toca de Assis¹ significa adquirir uma identidade vistosa, forte, incomum e polêmica para os dias que correm. Ou “comum”, se avistarmos a questão decididamente a partir de sensibilidades pós-modernas. Apresento, a seguir, um relato vocacional que, se não paradigmático para se compreender a adesão à Toca de Assis, ao menos se torna um significativo exemplo de uma jornada vocacional que se entende como abandono de um mundo vazio e pecaminoso e a entrada em um universo ao qual se confere santidade e uma profunda diferenciação em relação à sociedade e, de certa forma, à própria Igreja, em suas facetas mais liberais, ou dialogais e flexíveis. A este relato vocacional acrescento extratos de outros falares, de membros da Toca de Assis (toqueiros), que versam sobre os temas vocação/conversão, no sentido de corroborar o relato principal que aqui exponho e comento, e de enriquecê-lo quanto aos detalhes que ele apresenta. Nomes e outras características que poderiam fazer identificar pessoas foram alterados.

¹ Fundada, em 1994, pelo padre Roberto José Lettieri, a Toca de Assis é um movimento religioso de vida consagrada que tem origens na Renovação Carismática Católica (RCC). Os toqueiros (assim são chamados os adeptos da Toca) buscam viver a pobreza franciscana, tendo como patronos São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena e São Padre Pio. Copiam literalmente, em vestes e presumível aparência física, os hábitos e formas de ser do movimento franciscano primitivo. Assim, os toqueiros usam roupas de trapos marrons, buscando as origens do hábito franciscano, andam descalços, tonsuram a cabeça (os homens) e a mulheres usam véus. A maioria dos homens deixa a barba crescer, rala. Usos e costumes do catolicismo de corte mais tradicional são adotados. Seus adeptos se revezam na contínua adoração ao sacramento do altar. E quanto ao serviço social, dedicam-se a cuidar da população em situação de rua, indo às vias das grandes cidades e promovendo, entre a população em situação de rua, cortes de unhas, cabelos e barbas, higiene, tratamento de feridas, distribuição de lanches. Além de cuidarem da população em situação de rua localmente, também a acolhem em suas casas. Assim, na maioria de suas casas, convivem os toqueiros e população em situação de rua, juntos, partilhando o dia-a-dia.

Um relato vocacional

Relatos de vida e conversão são típicos da hagiografia católica, ou mesmo religiosa em geral. A vida do religioso, como a do santo, é sempre exemplar para os discípulos, fortalecendo opções, conferindo coragem para seguir adiante, mostrando rumos. Tais relatos costumam conter, mesmo na *anamnese* de autobiografias, a interpretação de fatos e opções como que no plano do heroico e do divino auxílio, seja em Graça ou milagre.

Nossa personagem que dá cores vivas ao seu relato vocacional é A, 25 anos, postulante de 1º. ano na Toca de Assis (2006). Residia ele em uma das casas da Toca de Assis mantidas no Rio de Janeiro, na época em que iniciamos contato. Rapaz inteligente, muito bem articulado, provindo da classe média urbana.

O postulante A diz ter tido, dos doze aos dezesseis anos, uma participação razoável na Igreja. Após a crisma, porém, se afastou da Igreja. Trabalhou por cinco anos em grandes empresas, uma delas sendo uma grande multinacional do setor financeiro, e após em um hospital particular de alto padrão. Kursou durante três anos uma excelente universidade pública, até o 6º. período. Portando tal currículo, A afirma que “com essas desculpas” se afastou do grupo de jovens e da missa. Assim diz ele: “Comecei a viver longe de Deus, longe da santa missa”. E prossegue:

Comecei a viver uma vida promíscua, sexualidade desregrada (...) aos olhos das pessoas eu era uma boa pessoa, porque eu não usava drogas, não dava trabalho, eu trabalhava, mas para Deus eu não era um bom filho (...) eu tinha um desejo enorme de ser megamilionário, de ganhar na mega-sena, já tinha tudo esquematizado, o que eu ia fazer (...) eu tinha vontade de comprar um veleiro, de sair viajando num veleiro, tudo isso que o mundo diz que é bom ter, um apartamento, uma cobertura (...) mas por mais que eu tivesse no futuro formado e com um bom emprego, eu sentia que aquilo não me preenchia, porque Deus escolheu nossa vocação desde toda eternidade (...) mas eu vivia no pecado, e a felicidade que o mundo oferece é efêmera, por exemplo, um consumismo muito grande, eu era muito consumista, CD e livros, tudo bem, aí tinha a alegria de chegar na loja e comprar, e depois, ouviu e passou (...) mesmo assim eu tinha tudo para uma pessoa da minha idade estar satisfeita, um bom emprego, boa faculdade, tinha bolsa de iniciação científica, fazia cursos, era pessoa economicamente independente (...) eu era o modelo do que todo mundo quer ser, então eu não tinha aquela vontade humana de mudar.

Para A, um mundo novo começa a descortinar-se com seu estágio universitário. No estágio, conheceu uma moça que também estagiava no

mesmo setor que ele. Em uma das conversas, perguntou se ela não queria ser rica, ao que ela respondeu negativamente, para grande espanto de A. Porém, o que mais o surpreendeu foi quando aquela moça disse que queria ser freira. A moça fazia parte do grupo universitário GOU (Grupo de Oração Universitário). A sabia da ligação do GOU com a RCC e, para ele, a “RCC era para mim como dobradinha, nunca comi, falo mal, não gosto e não experimento”.

Após muitas tentativas da estudante em levá-lo ao grupo – convites declinados por várias “desculpas” – houve o convite para um retiro de três dias, ao que A retrucou que trabalharia na ocasião e não poderia ir. Daí veio a profecia da moça, de que Deus iria prover e que ele ficaria de folga nos dias de retiro. E assim foi. O desfecho é previsível ao leitor destas linhas: “Foi o retiro da conversão da minha vida, onde eu tive uma profunda experiência do amor de Deus (...) é algo que não tem como expressar racionalmente, pois atinge profundamente a alma (...) eu senti que Deus me resgatava, me tirava da lama, me tirava do mundo”. Prossegue A:

Cheguei em casa, abri o armário e puxei os meus mais de 300 CDs, puxar, puxar, não, este não condiz, este CD não me leva à glória de Deus, não, este não, este não, este não, e comecei, plec, plec, plec (...) quando meu pai viu o que eu fazia disse, ‘não quebra, dá para alguém’, e eu disse que se não serve para mim, não serve para outra pessoa (...) e jogando fora livro, entrei no quarto da minha irmã, ela tinha uma bruxinha, eu disse ‘bruxinha não’, joguei fora.

O jovem A, a partir desse momento, diz que sentia um ardente desejo de adoração ao santíssimo sacramento, o que foi se revelando nas semanas posteriores, a ponto de ele “sentir” que Deus o chamava a “se consumir todo por Jesus”. Então “eu disse: vou abrir mão dos meus sonhos para que Deus sonhe em meu coração (...) começou a transformação na minha alma, eu era uma pessoa soberba, gostava de ostentar, e já não queria nem usar o celular, nem andar com ele na cintura, a faculdade perdeu o sentido”. Na própria faculdade A começou a sentir a rejeição ou afastamento dos colegas, pois ele “só falava de Jesus”, e “o pessoal achava que era demais (...) as pessoas acharam que eu estava fanático”.

A vocação à vida religiosa consagrada foi brotando aos poucos na vida de A, e o mesmo começou sua busca por congregações religiosas nos sítios da internet. Diz ter entrado nos sítios de várias ordens e congregações religiosas, porém:

Mas aquilo não preenchia minha alma (...) mas eu via, era um ano e meio de acompanhamento vocacional, mais isto e aquilo, eu falei, não, minha alma tem urgência, né; eu vi não tinha hábito, a maioria, e eu sempre achei lindíssimo o hábito, não pelo *status*, mas por aquilo que ele traz, pelo sinal que ele é (...) quando entrei no *site* da Toca, ainda o antigo, as lágrimas me vieram aos olhos, pois eram aqueles religiosos andando, né, num bosque, alguns descalços, com tonsura, eu disse, é isso.

E prossegue: “Eu buscava a pobreza agora, e o hábito sinaliza a pobreza, as outras não tinham, é uma demonstração da pobreza de Jesus, é só aquilo que me veste, é minha segunda pele (...) quando a pessoa olha o hábito na rua ela diz: ‘Jesus, o reino dos céus existe’ (...) quando eu vi a tonsura, vi, significa todo de Deus”. Perguntado se não havia entrado também no sítio dos franciscanos, A responde: “Entreí, mas a mesma coisa dos outros, não tinha, né”.

Perguntado sobre o que mais chamou a atenção dele na Toca de Assis, A esclarece que foi a adoração perpétua à eucaristia, que já sentia nele como vocação central. E que o serviço aos pobres, na verdade, é consequência deste amor adorador por Jesus; o que indica que A, assim como muitos outros toqueiros, provavelmente não entram na Toca de Assis, primordialmente, por um ideal de assistência e amor aos pobres, que a Toca de Assis pratica, mas que este serviço aos pobres surge como consequência da vocação à adoração a Jesus.

Aqui quero chamar a atenção para certos pontos do relato. O primeiro é o do jogo entre o antes e o depois. A vida anterior à conversão é marcada por elementos que, após a conversão, são identificados como fúteis, egoístas, falaciosos e distanciadores da pessoa em sua relação com Deus. Não que a vida de A fosse “desregrada”, irresponsável. Teve bons empregos, não bebia, não fumava, não cheirava. Era um rapaz padrão, exemplar. Porém, segundo ele, vazio. A própria valorização dos aspectos positivos de outrora, de elevado padrão, está na lógica do contraste radical: antes tinha tudo, hoje vive sem nada; antes a riqueza o cercava, hoje a pobreza; antes bons empregos, hoje serviço voluntário aos pobres; antes nenhum vício, mas o coração vazio; hoje tem um coração adorador cheio, em completude. O que tinha o afastava de Deus. Hoje, o não ter o aproxima de Deus.

Assim como a descoberta de Deus, feita pelo Pe. Roberto Lettieri, fundador da Toca de Assis, foi por um convite de uma jovem para um retiro, o mesmo aconteceu com A. Alguém próximo, também jovem, ou seja, dentro do mesmo gradiente de afinidades geracionais, mas com um *plus* diferencial. Era um retiro ligado à RCC, sigla que lhe causava desaprovação. Mais uma vez o contraste dos contrários, as rasteiras da vida, ou de Deus: o rejeitado passa a ser assumido, tal qual o relato da vocação do apóstolo Paulo, que

de perseguidor dos cristãos passa a ser perseguido por causa de Jesus. Para tanto, é preciso parar para um encontro íntimo com Deus, como em um retiro. É por meio do espaço de sociabilidade juvenil do GOU, contando com a presença de universitários como A, que o jovem se achega a Deus. Por intermédio dos semelhantes, da mesma sensibilidade juvenil, contudo unvida pelo cristianismo, e de um momento emocional intenso, como costumam oferecer os retiros de grupos ligados à RCC, o jovem se converteu.

A, em princípio, não podia (ou não queria) ir. Mas aí se revela a profecia, o milagre, a providência, a predestinação. Naquela semana Deus proveu: não precisaria trabalhar.

Naquele retiro, Deus o “tirou” do mundo. Impossível explicar racionalmente o que aconteceu. O discurso do resgate, da oposição, da vida nova. A partir desta guinada de vida, o passado é visto como lixo. O que antes era prazer passa a representar desgosto, impedimento, desvio. A radicalidade da conversão leva à radicalidade das ações: quebra de CDs. É preciso destruir os rastros da vida pregressa, seus símbolos, a identidade passada. Também é preciso lutar a luta santa contra tudo aquilo que, à volta, se oporia a Deus, como a “bruxinha” da irmã. E, finalmente, a renúncia, a troca máxima: “Vou abrir mão dos meus sonhos”. Da faculdade, da carreira, do casamento, e de tudo o mais sonhado. Trocar os sonhos pessoais pelos sonhos de Deus. Perder, de certo modo, vontade e identidade para ser possuído por vontade e identidade superior.

Não tarda a vir, para o neoconvertido, outra dimensão dramática: a da incompreensão. Já não tem a aceitação dos colegas, o entendimento dos pais. É rotulado de fanático, enfrenta a rejeição de seu meio, o não reconhecimento dos pares.

Consolida-se a vocação religiosa. É hora de procurar o lugar certo para viver sua conversão. Eu disse procurar, escolher, acessando a internet. Não faz muito tempo, o jovem que sentia a vocação religiosa costumava adentrar, naturalmente, ao seminário de sua cidade ou diocese, ou à congregação religiosa conhecida em seu meio. A sensibilidade juvenil moderna, entretanto, parece altamente reflexiva quanto ao alocar sua vocação no lugar do seu desejo. Olha, pesquisa, avalia, opta, escolhe. O toqueiro encontra-se, em cheio, em paradigma da sensibilidade religiosa contemporânea, que não se conduz pela compulsoriedade da tradição, mas pela seletividade do *self* na escolha de modelos, e tradições. “As adesões agora são voluntárias. O mundo religioso tradicional perde a sua evidência ‘natural’. Aqui a escolha (heresia) torna-se um imperativo. (...) Nesta tendência, a escolha da fé religiosa se dá em função da afinidade sentida pessoalmente com a tradição, assim como dos benefícios pessoais que dela se pode esperar” (ANDRADE, 2007, p. 177).

Tradição via desejo, ganhos, gozo, afinidades, reflexividade. Ainda tradição?

Para A, não serviam aquelas congregações interpretadas como “relaxadas” nos hábitos – com duplo sentido – ou muito secularizadas. Imagem, no mundo moderno juvenil, se não é tudo, é muito. É preciso a comunicação da santidade. Os joelhos dobrados, os pés descalços, o hábito surrado, a tonsura, todos sinais daqueles que se entregam por Jesus e a Jesus. A viu as fotos no sítio da Toca de Assis. As imagens, ou a estética, o convenceram. Na estética está a santidade, ou o sinal dela. Na performance: “As lágrimas me vieram aos olhos, pois eram aqueles religiosos andando, né, num bosque, alguns descalços, com tonsura”.

Outra característica das modernas sensibilidades juvenis no tempo da modernidade rápida, do *fast*, do toque na tecla que abre um mundo, do *e-mail*, do ORKUT e do MSN, da comunicação imediata: não há o que esperar. A burocracia das demais congregações era aborrecida para A. Para a sensibilidade religiosa juvenil, se Deus chama, é para hoje. É preciso viver o mundo agora, intensamente. Obedecer hoje, radicalmente. A encontrou seu caminho: a Toca de Assis, claro.

Este relato vocacional me parece um tanto paradigmático. Ele contém muito do que ouvi em outros relatos vocacionais na Toca de Assis. Nele estão elementos como a busca por uma identidade intensa; a importância dos símbolos; certa conformação e afinidade com símbolos antigos que contrastam fortemente com os símbolos modernos, seculares ou, mesmo, alguns religiosos; a reflexividade, a opção; o meio juvenil como lugar e gestor da conversão e vocação. Adiante, continuarei a refletir um pouco sobre algumas dessas características.

O antes e o depois: a vocação virtuosa

A partir daqui, insiro extratos de outros relatos ou falas e testemunhos vocacionais que visam, para os objetivos deste texto, evidenciar o padrão de relato vocacional de A, mostrando que também entre outros jovens aderentes à Toca de Assis repete-se, muitas vezes, em variações sobre os mesmos temas, visões/interpretações muito próximas, revelando como que um fio vermelho constante e padrão, mesmo nas variáveis, sobre a experiência de vocação/conversão entre jovens toqueiros.

O toqueiro B, conforme testemunho na revista oficial da Toca de Assis, destaca que “antes de conhecer o infinito amor de Deus, eu vivia uma vida vazia, mentirosa, mas aos 14 anos, Nosso Senhor me arrancou do mundo (...) depois de ter ouvido a pregação do Pe. Roberto, que fez meu coração arder muito, e até chorar” (*Revista Toca*, n. 28, p. 11). Ou, conforme outro toqueiro, em relato na mesma revista: “Tinha uma vida como qualquer outro

jovem (...) em busca de prazeres” (*Revista Toca*, n. 38, p. 7). Evidencia-se, nos testemunhos de conversão de toqueiros, uma troca de identidades que implica renúncia ao passado para a aquisição de um novo, e divinamente superior, presente e futuro. É necessário, nesta reconversão católica, ser “arrancado do mundo”, perceber com emoção, com choro, a nova vida recebida, sentir sensorialmente – até arder o coração – o toque de Deus. É preciso, em uma palavra, deixar a vida que todos têm, ser diferente, e não mais como “qualquer jovem”. Diferença, contraste: identidade.

Para o toqueiro C, com quem mantive contatos e entrevistas, a vida dos jovens boêmios é uma vida vazia, sem sentido, de profunda tristeza. Para ele, “esses jovens ainda não conhecem a preciosidade que é Jesus, estão perdendo a vida em coisas vãs, que vai passar”. Para outro toqueiro, D, os prazeres da vida pré-Toca de Assis eram “prazeres temporais, que não tinham sentido; na hora de colocar a cabeça no travesseiro eu dizia ‘hoje foi tão bom, mas e amanhã?’” Jovens convertidos à Toca de Assis parecem lutar por um mundo, um cosmos, um sentido, uma vida firme, eterna, certa, verdadeira. Opõem transitoriedade e prazer a certezas e abnegação. Buscam um sentido seguro, eterno, imutável às suas vidas.

Ir. Maria Paula dá o seguinte testemunho de sua conversão: “Aos 15 anos, em um encontro de jovens, tive uma forte experiência com Jesus sacramentado (...) ao voltar para casa percebia que estava diferente e que já não conseguia viver aquela vida morna que até então eu vivia, eu precisava de mais, tinha sede de Deus” (*Revista Toca*, n. 56, p. 8). É de uma vida morna, sem utopias, horizontes, sonhos, esperanças, ideais por que lutar, que muitos jovens fogem ao entrarem na Toca de Assis. Neste sentido, já não serve o mote de que a entrada para a vida religiosa seria uma fuga do mundo. Ao menos não na acepção clássica do tradicional conceito um tanto anticlerical. Sim, é a fuga de um mundo de incertezas, de insegurança existencial, cognitiva, ontológica, para abrigar-se sob um dossel sagrado. A identidade que se afirma como uma “resposta dramática ao dilema moderno da identidade e do desencantamento do mundo” (PEREZ, 1996, p. 5). Mas, ao mesmo tempo, é o abandono de uma vida morna para doar-se radicalmente a uma vida de entrega aos pobres, de sociabilidade juvenil, de arte, teatro, música. E, em tudo isto, identifica-se uma entrega total a Deus. Dedicção que faz o jovem olhar para os sonhos passados como vaidades que precisam ser deixadas para um serviço maior. “Eu pensava em casar, ter filhos. Tanto é que eu já estava me programando para isso. Comecei vestibular para conseguir um emprego melhor. Mas isso tudo passou para segundo plano”, confessa C.

Para E, outro toqueiro, a sociedade atual “não forma o jovem para o serviço de Deus, forma o jovem para um futuro promissor, para ser alguém

conhecido, importante, alguém que tenha dinheiro, e se esquece de Deus”. De Deus e do próximo, pois que “depois que eu despertei para o amor ao próximo é que eu vi como a minha vida era sem sentido antes, mesmo indo à missa, no grupo jovem, trabalhando. Eu fazia as coisas para mim. Mas não tinha o desejo de me doar, de me consumir pelo próximo”, relata outro irmão. Ter um bom emprego, um futuro promissor, ser alguém importante, ir à missa, frequentar o grupo de jovens, tudo isto nada é, caso não esteja acompanhado pelo serviço a Deus e ao próximo em total despojamento de si. Mais. Ter emprego e futuro promissor podem ser mesmo algo que faz a pessoa esquecer-se de Deus. O bem-estar e o sucesso são, muitas vezes, considerados como inimigos de Deus, ou obstáculos para se ter a verdadeira intimidade com Deus. E também uma vida católica de assiduidade à missa e de participação eclesial não basta. A rotinização católica precisa de reconversão. Não basta ser um bom cristão para si mesmo. É preciso se doar.

B, como foi relatado, converteu-se por meio da palavra do Pe. Roberto, fundador da Toca de Assis. Assim como Pe. Roberto, o estilo de vida dos toqueiros, sua imagem, sua estética, a comunicação que veiculam, o ar de santidade que transparecem, são apelos à vocação impulsionada pela mimese. Segundo uma toqueira, “as vocacionadas hoje que entram na Toca, olham para nós e dizem ‘quero ser igual às irmãs’”.

Outro exemplo. O postulante F não frequentava a igreja e, sendo um católico nominal, disse não conhecer Jesus, até que foi convidado a um retiro da Canção Nova, em 2003. O postulante F não foi ao retiro por motivações religiosas, mas porque quem o convidou disse que lá ia ter muitos jovens. Diz F:

Eu não me confessava há 7 anos, estava até meio alcoolizado, mas quando eu vi o padre, vi algo diferente, o que me atraiu no padre foi os pés descalços (...) porque na paróquia que eu fui crismado era de São Francisco de Assis, e eu já tinha assistido um filme, tinha uma lembrança vaga, e que a cena que eu lembro é a cena do despojamento das vestes (...) então quando eu vi o padre, os pés descalços, lembrei muito daquilo.

A imagem, a lembrança, o ideal. E viu um mimetismo franciscano naquele padre. Em suas vestes, em sua tonsura, em seus pés descalços... lá estava, ora, São Francisco de Assis, como visto no filme! Incorporar o que se crê e quem se segue: eis o ideal. É preciso ver, sentir o ideal encarnado. É preciso revivê-lo, sê-lo.

“Antes de ingressar na Toca, vivia uma vida de busca de alegrias em prazeres mundanos (...) Minha falsa busca terminaria em um grupo de oração da RCC

(...) consegui ouvir a voz do Senhor a me chamar” (*Revista Toca*, n. 35, p. 6). Percurso parecido foi o do aspirante G. Reconverteu-se e descobriu sua vocação em um retiro paroquial da RCC, levado a ele por pressão de sua namorada. Deus o “tocou” pela pregação de um seminarista religioso de outra congregação, pregação esta cujo tema era o amor de Deus. O choque de G foi perceber que, considerando-se muito pecador – pois trabalhava como segurança, frequentava a vida noturna, bebia, fumava e “tinha muitas garotas” – Deus “mesmo assim estava do meu lado, me ama, não me abandona”. Ou, como testemunha outro toqueiro: “Eu não ia atrás de Deus, mas ele já estava atrás de mim” (*Revista Toca*, 2005, p. 6).

A percepção de alguns toqueiros é de que Deus, em sua providência, velava por eles, apesar de vida e experiências interpretadas como “mundanas”. Aqui o providencialismo e a predestinação se encontram. O poder e a escolha de Deus, irresistíveis. “Desde o ventre da mãe Deus já colocou a vocação para vida religiosa”, afirma uma irmã, e, ainda: “Deus é Deus e o que ele determinou acontece” completa F. “Quando Deus quer, nada impede”, esclarece outro toqueiro. O toqueiro se sente um predestinado, e sua conversão é interpretada como uma providência divina que, aliás, continuará a se manifestar a cada dia em sua vida na Toca de Assis.

Lucas, 21 anos, ao tornar-se toqueiro, afirma como testemunho: “Eu era ateu. Contudo, minha alma ansiava pelo amor de Deus, mesmo sem conhecê-lo. Levava uma vida desenfreada. Como *punk*, procurei preencher o vazio que havia em mim. (...) Depois de conhecer a Toca, em um mês fui batizado e pude comungar” (*Revista Toca*, n. 39, p. 6). Aqui dois elementos nos chamam a atenção. Primeiro, a busca de Lucas por uma identidade alternativa: foi *punk*. Uma identidade diferenciada, estilizada, contrastiva. Mas ser *punk* não foi suficiente para lhe dar um sentido à vida. Outra identidade fortemente estética viria, depois, com a Toca de Assis. O outro elemento: a rapidez dos fatos. A Toca de Assis internaliza um poder identitário católico de tal monta que, em um mês, Lucas já era católico de carteirinha.

Chama, assim, a atenção, a troca de um projeto estilizado de vida por outro, e também a rapidez tipicamente juvenil das mudanças, em menos de um mês. O postulante H, por exemplo, abandonou, aos 21 anos, faculdade e o emprego, em cidade do interior de São Paulo, após dois meses de reproximação à igreja pelas mãos da Toca de Assis. Ou seja, em um período de 60 dias entre o conhecimento da Toca de Assis e sua acolhida nela, deixa emprego e estudos. Conforme ele: “Falei para minha mãe: Deus está me chamando para agora, é para agora”, revelando a impulsividade e urgência dos ideais juvenis. Com o sim do guardião de uma casa da Toca de Assis, H, em

um mesmo dia, trancou a matrícula, pediu demissão do trabalho e, quando a mãe chegou em casa...: “Quando minha mãe chegou eu me despedi dela, peguei o ônibus e fui-me embora”. Atitudes “impetuosas” e “radicais” de conversão e adesão a uma utopia têm justamente o seu processo, na maior parte das vezes, na adolescência-juventude, em que se busca um sentido total para a vida (OLIVEIRA, 2000, p. 134).

O viés social – do trabalho assistencialista – que a Toca de Assis entrega –, não deixa de também ser uma forte referência para alguns jovens, em suas decisões de aderir, como consagrados ou colaboradores, à Toca de Assis. A missão da Toca de Assis junto aos pobres costuma “despertar” ideais juvenis de altruísmo e entrega às grandes causas, como afirma Anália: “Fui no *Toca Beló* por empolgação de companhias, mas diante da pregação do padre Roberto (...) acordei para a realidade e precisava me sentir útil” (*Revista Toca*, n. 44, p. 3). Às vezes, a primeira aproximação à Toca de Assis é por meio da sensibilidade lúdica, artística, da música, da diversão, da comunhão com outros jovens, da sociabilidade. Contudo, por estes aspectos, e por intermédio dos exemplos dos toqueiros e do exemplar destes, o Pe. Roberto, o jovem percebe um “despertar” para uma sensibilidade social por vezes, até então, velada nele.

Vale destacar aqui, contudo, o fato desses testemunhos de jovens “acordando” para serem úteis, para a Igreja Católica, para o verdadeiro sentido da eucaristia, para os pobres, costumar ter espaço na revista mensal da Toca de Assis (ao menos até o ano de 2008). Não deixa de ser uma forma de “conversação”, ou seja, de fortificação, objetivação e internalização da eficácia e da verdade do grupo, alicerçadas por seu fundador, a veiculação de tais depoimentos no órgão informativo oficial da Fraternidade. Cada pessoa simpática ao grupo, toqueira ou não, que vê constantemente tais depoimentos expostos, tenderia a perceber sedimentada, em sua convicção, a verdade, a legitimidade do grupo e, em casos específicos, de si mesma no grupo. E, por que não, tenderia a um “despertar” vocacional.

O encantamento com a Toca de Assis, e a vocação despertada, evidentemente, conhecem dificuldades. O postulante I diz que se encantou quando conheceu uma casa da Toca de Assis, no interior paulista, e ficou vivamente impressionado com a pobreza e adoração ali praticadas. Porém, quando soube que para entrar na Toca de Assis deveria fazer voto de castidade, sua reação foi de rejeição: “Isso aqui não é para mim não”. Talvez a consciência de I sobre o teor do que estava acontecendo com ele e o que estava buscando seja paradigmático para muitos que procuram o instituto e entram na Toca de Assis. Jovens, adolescentes, se impressionam com a pobreza, com a adoração, com o Pe. Roberto, com as vestes e com jovens

vivenciando todo esse clima em meio à alegria. Mas não têm noção do que implica vida religiosa consagrada, como no caso de I em relação ao voto de castidade. Para muitos, a descoberta da vida religiosa e de suas implicações se dá diretamente na vivência no interior da Toca de Assis, e não em um amadurecimento e conhecimento externo sobre a vida consagrada na Igreja Católica. E isto até porque grande parte dos que entram para a Toca de Assis o fazem na adolescência, sem uma vivência ou conhecimento cognitivo maior em relação à Igreja.

O que parece se evidenciar, em cada um destes fragmentos de relatos vocacionais, é a busca juvenil – e não só juvenil – por uma identidade forte, verdadeira, digna, utópica, segura. Um rosto definido em um mundo de rostos indefinidos, ausente de projetos e utopias relevantes. Ou, “quando as velhas histórias de filiação (comunitária) já não soam verdadeiras ao grupo, cresce a demanda por histórias de identidade em que dizemos a nós mesmos de onde viemos, quem somos e para onde vamos” (BAUMAN, 2003, p. 90). Aqui faço referência àquele mundo moderno, social, político e científico, e mesmo eclesástico, que já não fala ou faz sentido para certos sujeitos. Muitos jovens resolvem esta questão com buscas de identidade que os liguem a grupos fortemente identitários, como torcidas organizadas, *punks*, *darks*, etc. Não é de somenos observar que muitos dos relatos vocacionais fazem um jogo de migração de identidades não-religiosas que se assumira no passado – na tentativa de buscar identidades que fugissem ao vácuo de filiação e sentido – para a identidade religiosa, como sendo o porto de chegada a uma filiação identitária completa e autêntica; ou mais autêntica em relação às identidades anteriores.

Ademais, identidades religiosas – e quanto mais explicitamente e fortemente religiosas, tanto melhores – conferem uma segurança ontológica, de sentidos e eficácia, que dificilmente outras identidades juvenis, que não apontam ao transcendente, podem dar. Afinal, “é aos deuses – entendamos simplesmente: a seres de uma natureza diferente da nossa – que devemos o que somos” (GAUCHET, 1980, p. 51). Daí o reconhecimento de que os pais têm o poder e, particularmente, todo o direito de dirigir vidas, ter em suas mãos, e sob seu governo, a vida dos que os reconhecem. Os toqueiros saem de suas famílias, mas não ficam órfãos. Buscam um grande Pai que lhes dê a direção em um mundo sem direções. Necessário é um fundamento outro, poderoso, fora de si para a estruturação da vida e da personalidade, no “reconhecimento de que deve o seu sentido e a sua razão de ser a qualquer coisa diferente de si” (GAUCHET, 1980, p. 57).

Refletindo sobre a vocação à Toca de Assis: considerações finais

Pierre Sanchis relata a trajetória de uma antropóloga, filha de vienense judeu, que perdeu toda a família na segunda grande guerra. Essa mulher, que antes dizia não ter identidade definida, definindo-se apenas como agnóstica, encontra-se a si no candomblé e aí urde sua ancestralidade. Mulher órfã, branca, de origem europeia, encontra na família do candomblé seu centro, sua raiz, sua identidade (SANCHIS, 1999, p. 66s.). Assim refleti e reflito, também, sobre a identidade conferida pela Toca de Assis aos jovens conversos a ela: uma identidade buscada, refletida, ansiada, optada, reflexiva, com variados significados estéticos e de construção de segurança, de cosmos, de centro para a vida. Neste caso “a escolha religiosa pessoal pode ser um elemento produtor de identidade impulsor no processo de emancipação dos jovens” (NOVAES, 2006, p. 159).

Assim como a antropóloga, citada por Sanchis, deve ter ganhado um novo nome religioso no candomblé, e encontrado sua ancestralidade espiritual, o toqueiro deseja uma nova identidade religiosa que transforme sua biografia, mesmo sua personalidade, que diga quem ele é.

O postulante G sonha com a aprovação de um nome onomástico para quando fizer os votos. Seu desejo é ser chamado Lupus Manso e Humilde de Coração. Explica que Lupus se refere ao lobo que São Francisco de Assis acalmou certa vez, convencendo-o a não atacar os moradores de uma aldeia. E manso e humilde é porque se refere a virtudes que ele quer cultivar e viver e que, enquanto estava no “mundo”, não as vivia. Aqui verificamos, em primeiro plano, que a autoimagem que cada toqueiro constrói de si mesmo corresponde a um ideal, melhor, a um alto ideal, muitas vezes em contraposição a uma realidade que vivenciaram no passado.

Aqui também se encontra a matriz adolescente e da conversão em simbiose, da vontade de expressar a si mesmo de forma diferente de um passado não ideal ou não maduro que deve ser abandonado. No mesmo lastro se encontra um tema tão caro a jovens e adolescentes: poder construir-se, definir-se, criar identidades novas, de forma independente e ideal. Lembro aqui que G era, “no mundo”, segurança, andava armado, frequentava a noite, era vaidoso, como ele mesmo atesta. A radicalidade da mudança de vida, pois, não deve se circunscrever apenas à nova atitude e temperamento na vida, mas deve ser impressa de maneira identitária no próprio nome, em como os seus pares e os demais irão chamá-lo, conhecê-lo, identificá-lo. Ficar no corpo como tatuagem.

Esta nova identidade, por suposto, precisa do grupo que a legitime, que a diga, a afirme, a fortaleça. Portanto, a sociabilidade no grupo precisa ser

bem conversada e afirmada. A Toca de Assis acaba tendo certa inflexibilidade doutrinária e exclusivismo ardoroso também no sentido de não deixar esmorecer, ou defender, uma identidade que precisa ser estável, segura, imutável. Entretanto, e para poder justamente garantir e não diluir esta identidade forte diante do relativismo social e religioso circundante, a cerviz exclusivista da identidade toqueira é também guerreira, em luta e protesto contra tudo o que é “líquido” na modernidade, para usar a expressão de Bauman. A falta de um código de ética e de conduta na pós-modernidade, como o quer Bauman (1997, p. 40-46), levaria alguns jovens a se integrarem a grupos emocionais que encontram no passado ideal, recuperado tal como – ou assim ansiado – para a hodiernidade, o porto seguro para se centrarem e adquirirem uma identidade forte. Afinal caracteriza a juventude uma efervescência existencial (ESPINHEIRA, 2006, p. 33), ou seja, de busca e definição de rostos e sentidos. Então a identidade da Toca de Assis passa a ser uma contraidentidade em relação ao mundo – e a certo viés de igreja – contraidentidade que, por sua pobreza, despojamento, sacrifício e serviço aos pobres questiona o mundo – e a Igreja, de certa forma – rompendo com seus paradigmas. Daí que a organização em tribos “civis” (*ravers, graffifers, punks, darks, hip-hop*, etc) ou religiosas bastante específicas e diferenciadas comunicam uma atitude de transgressão da ordem socialmente aceita e libertação da mesma (PAIS, 1999).

Outra questão a ser evidenciada nesta tomada identitária é que a realidade de seu dia-a-dia produz, nos jovens, identidades e sensibilidades que nem mesmo cogitavam antes, ou pelas quais tenham optado. Muitos entram na Toca de Assis não exatamente pelo ideal em servir e ajudar a população em situação de rua. Para muitos, os primeiros contatos e serviços junto a esta população são custosos, acompanhados de grandes dificuldades e mesmo de certa náusea. Assim, “até mesmo o primeiro aperto de mão de um dos irmãos sofridos foi meio...”, diz um irmão. O contato com a população em situação de rua, no entanto, é relatado como uma aprendizagem reflexiva. Para o citado irmão, “aí eu comecei a questionar a minha vida, o que eu vivia, o conforto que eu tinha com meus pais”.

É inegável que esses jovens, que iniciam suas vidas adultas na Toca de Assis e lá assumem postos de responsabilidade como guardiães, por exemplo, acabam por ter um aprendizado de vida e amadurecimento, na prática, que talvez não tivessem, na mesma proporção, em circunstâncias diferentes, como em um estudo formal universitário e residindo sob os auspícios e proteção dos pais. Por exemplo, afirma Ir. Y: “Hoje eu sei lavar um banheiro, eu sei cozinhar, eu sei trocar a fralda de um irmão. Eu aprendi a lavar fezes de pobre, faxinar, lavar panela. Nós viemos para a Igreja não foi para ser doutor da Igreja, mas para ser servo”.

Também vimos a questão da sociabilidade juvenil pelo viés emotivo-afetivo como sustentador e apelo à identidade toqueira. Entrar para a Toca de Assis se faz, geralmente, no lastro de emoções profundamente sentidas, experiências afetivas e íntimas com Jesus eucarístico, em gradiente que aponta para o catolicismo de reconversão, assumido de forma internalizada, não mais tradicional. A conversão de jovens ao catolicismo tradicional da Toca de Assis se insere em um movimento de reafiliação religiosa, de entrada em um regime forte de intensidade religiosa dentro de sua própria religião nativa. “O que distingue o carisma dos outros dois tipos de ideais de poder indicados por Weber, isto é, o tradicional e o legal-racional, é o fato de que sua ação se exerce mediante a vida emocional, com base numa metanoia, numa conversão interior dos seguidores” (MARTELLI, 1995, p. 162).

Por fim quero apontar para o ideal. O ideal é sempre belo, por mais que sua tradução à realidade seja dura, por exemplo, no serviço à população em situação de rua. Mas o ideal, de Igreja, de pobreza, de vida, de entrega, de Deus, está presente. Alguém dirá ser esta uma afirmação simplista, também ela ideal. Mas insisto na tese. Há em alguns grupos a ideia de que em um estado de *communitas* há a recuperação da inocência, pureza, de uma bondade natural (TURNER, 1974, p. 166). A religiosidade “intensiva”, carismática, particularmente entre jovens, com seu vigor idealista; a religiosidade “heroica ou virtuosa” vem a se opor, e de certa forma ser uma crítica em tal oposição, à religiosidade de massa (WEBER, 2002, p. 202). À religião morna, sem ideal, descomprometida, burocratizada. Para o toqueiro, há de ser diferente. “O ideal do toqueiro é imitar o próprio Deus, ser como Jesus”, idealiza Ir. Y. E assim se vão construindo as conversões: no ideal mimético.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Pérciles. **Ciberespaços sagrados**: as capelas virtuais no catolicismo contemporâneo. In: Estudos de Sociologia. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, vol. 13, n. 1, 2007. p. 175-194.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- ESPINHEIRA, Carlos. A universalidade dos usos de drogas: o lugar das drogas na sociedade pós-moderna. In: SIQUEIRA, Domiciano. **Mal(dito) cidadão**. São Caetano do Sul: King Graf, 2006. p. 28-39.
- GAUCHET, Marcel. A dívida do sentido e as razões do Estado: política da religião primitiva. In: CLASTRES, Pierre (org.). **Guerra, religião e poder**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 49-89.
- MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA,

RA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 135-160.

OLIVEIRA, José Barros de. **Psicologia da Religião**. Coimbra: Almedina, 2000.

PAIS, José Machado. Introdução. In: PAIS, José Machado (org.). **Traços e riscos de vida**. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Porto: Ambar, 1999.

PEREZ, Léa Freitas. **Campo religioso em conflito!** Mas que conflito é esse?. Porto Alegre, 1996. Mimeo. 22 p.

REVISTA TOCA PARA A IGREJA. Revista mensal da Toca de Assis. Números consultados: 2001 a 2010.

SANCHIS, Pierre. Inculturação? Da cultura à identidade, um itinerário político no campo religioso: o caso dos agentes de pastoral negros. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 20 (2), 1999. p. 55-72.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

Recebido em:29/08/2011

Aprovado em:21/11/2011